

# Riscos externos impõem maior cautela à política fiscal

## ARTIGO

**Claudio Adilson Gonçalves**  
Economista, diretor-presidente da MCM Consultores, foi consultor do Banco Mundial, subsecretário do Tesouro Nacional e chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda

Há dois riscos externos que tendem a atrapalhar a economia brasileira em 2024: o primeiro, e que me parece mais sério, é a difícil situação econômica da China.

Há uma crise imobiliária grave naquele país. Os números do setor são preocupantes. O valor das vendas de imóveis caiu cerca de 20% nos últimos dois anos. A área construída de

novas habitações desabou 58% no período 2019-2023. A inadimplência, que levou à liquidação da maior incorporadora chinesa, a Evergrande, continua crescendo.

Dada a importância do setor imobiliário no PIB da China, essa crise tende a contaminar toda a economia, pela destruição de empregos, instabilidade financeira e deterioração de expectativas. O pior é que o governo chinês vem lidando mal com essa situação. Os estímulos para evitar o pior têm sido tímidos, uma vez que Xi Jinping teme realimentar uma bolha, o que é compreensível, mas, ao mesmo tempo, fecha a válvula de escape que costumava ser aberta em situações semelhantes, ainda que menos graves, no passado.

## A provável redução de crescimento da China tende a enfraquecer a demanda por commodities do Brasil

E os problemas da China não param por aí. O país está em deflação e seu principal índice de ações, Shanghai Composite, apesar das intervenções do governo, caiu 13% nos últimos 12 meses e 20% nos últimos 2 anos.

Os dados aqui citados são como um termômetro, apenas medem a temperatura da crise. Sua verdadeira causa parece ser a visão de Xi Jinping de que ele próprio e o Partido Comunista devem aumentar seu con-

trole sobre a economia. Vide, por exemplo, o endurecimento das regras sobre o setor de tecnologia, que tem afastado investidores externos.

A provável redução drástica da taxa de crescimento da economia chinesa tende a enfraquecer a demanda por commodities exportadas pelo Brasil.

O segundo risco é a possível necessidade de o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) manter o aperto monetário por mais tempo do que o esperado pelo mercado. Uma amostra do estrago que isso pode provocar nos foi dada no início da semana passada, quando o Índice de Preços ao Consumidor dos Estados Unidos ficou um pouco acima das expectativas. Nesse caso, sou um pouco menos pessimis-

ta, pois tendo a crer que a inflação por lá está controlada. Mas não descarto a possibilidade de eu estar errado.

Tudo o mais constante, se um ou ambos os riscos citados se concretizarem, o Brasil será afetado principalmente pela depreciação do real, seja em função da queda do preço das commodities, seja pela redução do diferencial entre a taxa de juros interna e a externa. O efeito líquido disso é redução do crescimento e mais inflação.

A missão de enfrentar um quadro como o acima descrito não poderá ficar apenas a cargo do Banco Central. É essencial que Executivo e Legislativo façam sua parte, seja praticando uma política fiscal responsável, seja avançando nas reformas estruturais. ●

## Entraves Progresso comprometido

# Educação de má qualidade inibe crescimento da produtividade do Brasil

**Trabalhador brasileiro tem hoje cerca de um quarto da produtividade de um americano, segundo o Ibpe/FGV**

**LUIZ GUILHERME GERBELLI**

Os números da produtividade do trabalhador brasileiro revelam como o cenário do País é preocupante. Quando comparado com um americano, a produtividade brasileira é praticamente a mesma da observada nos anos 1950.

Em 2022, no último dado disponível, a produtividade do brasileiro equivalia a 22,3% da registrada por um americano, de acordo com dados compilados pelo Ibpe/FGV. Em 1950, essa relação era de 20,9%. No melhor momento, chegou a 36,7% em 1980.

“O nosso trabalhador médio tem cerca de um quarto de produtividade de um trabalhador americano. Esse é o problema”, afirma Sílvia Matos, economista do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (Ibpe/FGV).

“Ele não consegue gerar o mesmo retorno de um trabalhador de um país desenvolvido.”

Sem o aumento da produtividade, o crescimento econômico acaba ressaltando as distorções econômicas do País, como inflação.

“Para aumentar a produtividade, há necessidade de inovação tecnológica, capital humano e estoque de capital. E essas coisas não estão indo bem nos últimos anos”, diz Naercio Menezes, professor do Insper e coordenador da Cátedra Ruth Cardoso.

## EDUCAÇÃO DE MÁ QUALIDADE.

O que ajuda a explicar essa baixa produtividade é o desempenho ruim do País nas avaliações educacionais, apesar dos avanços obtidos nos anos de escolaridade da população nas últimas décadas.

No último Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o Brasil até subiu algumas colocações, mas seguiu nas últimas posições entre 81 nações avaliadas. Em Matemática, o Brasil ocupou a 65.<sup>a</sup> posição na edição 2022. Em Ciências, ficou na 61.<sup>a</sup> colocação. Por fim, em leitura, o País

## SEM FORÇA

Brasil deve amargar fraco desempenho da economia nos próximos anos

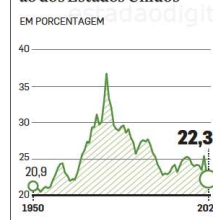
## Crescimento modesto

PIB brasileiro deve ter avanço médio de 2,4% entre 2024 e 2033



## Produtividade estagnada

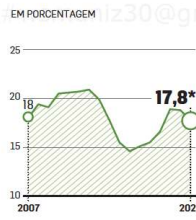
Quanto o trabalhador do Brasil produz em relação ao dos Estados Unidos



\*PREVISÃO PARA 2023

## Falta de fôlego

Investimento como proporção do PIB caiu



FONTE: IBGE, FGV E CONSULTORIA TENDÊNCIAS / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

ocupou o 52.<sup>o</sup> lugar.

“O desempenho do Pisa não mudou, principalmente, entre os alunos mais pobres”, afirma Menezes. “As escolas não estão preparando os alunos para questões mais elaboradas.”

Uma reportagem publicada recentemente pelo Estadão ajuda a dimensionar o tamanho da desigualdade na educação brasileira. Num recorte entre os alunos mais ricos que estudam em escolas particulares, a nota desse grupo de estudantes colocaria o País na quinta colocação em leitura, bem acima da

classificação geral do País.

“É difícil ter crescimento de produtividade só com uma elite. O Brasil tem uma elite superbem-educada e que estuda nas melhores escolas do País. Mas isso não é suficiente para você ter um país com inovações”, afirma Menezes.

## CARÊNCIA DE INVESTIMENTO.

Para tonar o cenário ainda mais desafiador, nos últimos anos o País tem sofrido para elevar os investimentos – não só em infraestrutura, mas também em inovação, tão necessá-

ria na nova economia.

Considerada um dos vetores para a expansão do PIB potencial, a taxa de investimento como proporção do PIB do Brasil tem rodado próximo de 18%, abaixo dos 20%, um patamar observado em países vizinhos, como Chile, México e Colômbia.

“Um dos motivos que fazem com que a gente cresça pouco é que investimos pouco”, afirma Sílvia, do Ibpe. “O País tem uma carência enorme de infraestrutura. E isso não se resolve de uma hora para outra.”

Em infraestrutura, uma série de dificuldades inibe a melhora do cenário – como juros altos, escassez de recursos, e pouca previsibilidade nas regras de contratos.

“O País avançou pouco na questão de segurança jurídica”, diz Alessandra Ribeiro, economista e sócia da Tendências. “De repente, vem uma decisão judicial do além que suspende pagamento de pedágio, por exemplo.”

## Investimento

**País tem uma carência enorme na área de infraestrutura, que não se resolve rapidamente**

**MEDIDAS NECESSÁRIAS.** A boa notícia, na avaliação dos economistas, é que o Brasil pode crescer mais se adotar as medidas necessárias e endereçar essas questões. A reforma tributária – discutida há décadas – deve ajudar a aliviar o cenário dos investimentos no médio e longo prazos.

“Superando essas limitações, a gente pode crescer mais”, afirma Sílvia Matos. “Mas é um caminho que demanda reformas, inovação, capital humano e investimento.” ●